



Divulgação

O Último Episódio



Divulgação

Mazinho do Trompete



Marrakash

Dentro Do Meu Peito Mora Um Cão



Rafael Freire/Labareda Produções Cinematográficas e Tecnológicas

Vulgo Jenny



Divulgação

Um Oceano Inteiro



Divulgação

Pequenas Criaturas



Divulgação

Palco-Cama

da redemocratização a vencer o troféu Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio. Há um trilho internacional de destaque já desenhado para o futuro do longa, com uma sessão agendada para o dia 29, na Suécia, na grade do Göteborg Film Festival. Tiradentes renovou suas baterias, numa exibição popular de braços abertos para o choro. Com destreza na construção de uma atmosfera intimista, Anne criou um painel de afetos no DF de 1986, a partir da luta de Helena (Dieckmann) para manter seus filhos unidos num contexto de solidão atroz. Fernando Eiras toma o filme de assalto ao viver um vizinho... digamos... raro.

DENTRO DO MEU PEITO MORA UM CÃO, de Gabriel Afonso: Numa cidade explorada pela mineração, fotografada com retidão por Vrgínia Dandara, Josué não consegue dormir. Cercado por montanhas, medos e frustrações, ele reflete incessantemente sobre os desafios do início da vida adulta. É um ensaio em tons poéticos sobre os desafios do amadurecer, escrito, dirigido e9Bem) atuado por Afonso num exercício de autoimolação que contagia na toada de sua sinuosa montagem.

QUERIDO MUNDO, de Miguel Falabella e Hsu Chien Hsin: Malu Galli ganhou o Kikito de Melhor Atriz em Gramado por esta fábula em P&B que registra a maturidade plena de seu fotógrafo, Gustavo Hadba, na arquitetura de luz. O mesmo vale para a artesanania de Plínio Profeta com a música. Falabella partiu de uma peça de sua autoria para retomar a estética do desassossego de seu subestimado “Veneza” (2019) e retratar um amor que – como todo bom e definitivo benquerer – nasce por acaso.

No acaso, uma arqueóloga frustrada (Malu, em doída atuação) e um engenheiro fracassado, Oswaldo (Eduardo Moscovis, em delicada composição), passam a noite do Ano Novo nos escombros do que deveria ser um condomínio de conforto na Zona Sul do Rio. O Cupido vai estourar rojões no encontro deles, que comoveu Tiradentes, em uma projeção ao ar livre, na praça, depois que caiu um aguaceiro do céu. A chuva respeitou o eterno Caco Antibes, que usa um bacalhau em cena de uma forma alarmista.

O ÚLTIMO EPISÓDIO, de Maurílio Martins: Qualquer espectador(a) que cresceu sonhando com o combate entre o Vingador e o Mestre dos Magos nas sessões de “Caverna do Dragão”, no “Xou da Xuxa”, vai se encantar com esta deliciosa Sessão da Tarde endossada pela grife da produtora Filmes de Plástico. É uma evocação desse desenho cultuado no Brasil. Na trama, Erik, um garoto de 13 anos (vivido por Matheus Sampaio), tem uma paixão platônica por Sheila (Lara Silva) e, para se aproximar dela, diz ter em casa uma fita com o lendário (mas jamais comprovado) “último episódio” de “Caverna...”, a animação que popularizou o jogo de RPG no Brasil. Com a ajuda de seus amigos, busca uma saída para a enrascada em que se meteu, vivendo uma intensa história de amadurecimento.

UM OCEANO INTEIRO, de Bruna Dias e Carine Fiúza: Pelo curso de um rio até o mar, em paisagens de solidão, mulheres negras iniciam uma jornada profunda. No acolhimento mútuo e na partilha de suas dores, elas se reencontram e traçam novos caminhos de amor e liberdade, reinventando seus destinos. Trata-se de uma trança de relatos que consegue ser aguda, sem abrir mão da afetuosidade. O trabalho de som de Zé Balbino é um de seus acertos.

PALCO-CAMA, de Jura Capella: No mais engenhoso documentário exibido por Tiradentes em seus primeiros dias de programação, o diretor de “Jardim Atlântico” (2012) se mantém fiel ao seu empenho de espatifar o que há de informativo nos registros de arquivo e catar a dimensão sinestésica (sensorial) do que resgata ou do que enquadra. Driblando amarras biográficas, Jura mergulha na intimidade de José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), o Oxalá dos palcos nacionais. Filmado em seu quarto, o teatrólogo transforma a alcova em ribalta e revisita a gênese de suas peças em uma entrevista performática. O filme registra o material bruto dessa conversa, onde Zé Celso encena, reflete e se entrega diante da câmera, revelando o corpo e a palavra como forças centrais de sua arte. A montagem de Rodrigo Lima, a quatro mãos com o diretor, revela camadas de sentido embriagadoras.